



POESIAS

DO

Padre Correia



QUINTO VOLUME.

SATYRAS
EPIGRAMMAS E OUTRAS POESIAS

PELO PADRE

José Joaquim Correia de Almeida

NATURAL DA CIDADE DE BARBACENA, PROVINCIA DE
MINAS - GERAES.

Mutato nomine, de te
fabula narratur

(Horacio.)



RIO DE JANEIRO
EM CASA DE
EDUARDO & HENRIQUE LAEMMERT
68, Rua do Ouvidor, 68
—
1872

Ao Advogado

DR. JOSÉ CESARIO DE FARIA ALVIM

TESTEMUNHO DE GRATIDÃO

DE

SEU AMIGO E COMPROVINCIANO.



Lisboa, 24 de Dezembro de 1869.

Ill.^{mo} e Rev.^{mo} Sr.

Padre José Joaquim Correia de Almeida.

Não sei com que termos, que não hajam de parecer lisonja a quem não tiver lido o poetico *Entrudo* de V.^a J.^a, poderei agradecer-lhe o ter-se lembrado de mim, no enviar a meo irmão esta joia poetica de tão finos quilates. Muito apreciaveis produções deste genero conhecia eu já, havia muito, honradas com o nome de V.^a J.^a, todas as quaes avultam na minha livraria entre as obras escriptas em portuguez, que mais a miudo se mostram aos amigos; entre todas ellas porém, com sinceridade quasi brutal, o declaro, nenhuma posue, em meo conceito, a decima parte do merito, que se admira, e nunca se acaba de admirar nesta satyra, com a qual nenhuma conheço em nossa lingua que se possa comparar, — não digo pela invenção e substancia, com serem preciosas uma e outra — penão

pelo esmero da versificação, e pela riqueza, quasi incalculavel, da rima.

E' este um dote não vulgar ainda entre os nossos escriptores, á conta do grande trabalho que exige, e dos frequentes sacrificios que o pensamento é obrigado a lhe fazer; por isto mesmo se torna nesta peça uma excellencia memoravel sobre tantas outras,— e tanto mais quanto, se por ventura a idéa primitiva ahi padecesse algum desconto, nem vestigio nem suspeita de tal nos apparece. Ninguem caminha mais agil, mais airoso, mais á sua vontade, carregado de guthões d'ouro, occultos inteiramente em flores das mais mimosas.

Após esta glorificação, tão devida, todos os mais louvores, que eu poderia tributar a este poema, pareceriam já somenos; e com tudo bem se poderam encher com elles algumas paginas; abstenho-me de o fazer por não incommodar a modestia de V.^a P.^a, condemnando-o a ler o que V.^a P.^a deve estar já cansado de ouvir a todos os amantes da poesia, que tiverem lido estes seus versos.

Concluo, pois, rogando-lhe continue a dar-nos senão como remedio, ao menos como lenitivo e consolo da peste grande, que hoje lavra na poesia e até na prosa, mais exemplos, como este, de vernaculidade, de exacção de estylo, de metificação accurada, e de rima, sobre escolhida e não vulgar, opulentissima.

Quanto aos versos tão engraçados como originaes em que V.^a S. allude a Horacio, Virgilio, Cicero, e Ovidio, seria meo voto, como julgo que é igualmente o de meo irmão, que se não proscrissem; — á uma, por que são todos elles formosissimos, — á outra, por que a razão, por que o seo amigo lhe lembrava o supprimit-os, de nenhuma sorte se pôde ter como procedente: a satyra não é obrigada a ser curta; e depois, meia dúzia de versos ruins são mais extensos que um cento ou um milheiro d'elles, como V.^a S. os sabe fazer, e o costuma, e neste caso o fez indisputavelmente.

Deixe-me ter a presumpção de accreditar que, se os nobres amigos Ovidio, Virgilio, e Horacio os pudessem ler e entender, corroborariam esta minha rogativa com as suas.

Tenho a maior satisfação em me assignar

De V.^a S.^a

admirador confrade am.^o e servo m.^{to} obr.^o

A. F. de Castilho.

Prologo (?)

Rebelde consoante,
ao absurdo me obrigas !
Por ti (ninguem se espante)
são brancas as formigas !

Fazendo, como vêdes,
acinte á pobre rima,
a ironia, que lêdes,
no espirito não prima.

Com geito arrombareis um formigueiro,
sem terdes de quebrar seguras trancas,
e então vereis se é caso verdadeiro
existirem ahi formigas brancas.



SONETO.

AO MIMOSO POETA BERNARDO GUIMARÃES.

Que importa, ó Guimarães, se esse despeito
da vingança mesquinha se não peja,
e ordena que os discipulos não reja
talentò que merece a to conceito?

Litterato e poeta, bem acceito
tens de ser no porvir, comquanto seja
hervada a infernal seta, que doudeja,
sem jamais attingir teu nobre peito.

Ao genio deu apreço a idade d'ouro,
na idade azinhavrada hoje encontraste
injustiça, se bem que sem desdouro.

Confronto as datas e acho este contraste:
era out'ora a sciencia grão thesouro,
e agora por inutil é máo traste.



Eu amo....

Eu amo as flôres
que mudamente
paixões explicão
que o peito sente.

(MAGALHÃES.)

Para que o censor não ladre
fazendo papel de cão,
hoje offerece-lhe o Padre
cheiroso mangericão.

Retrahindo a virulencia,
seja o critico sagaz;
luzeiro por excellencia
dê luz melhor que a do gaz.

— *Eu amo isto, isto e mais isto,* —
se o diz tanto vate bom,
ao desejo não resisto
de ferir o mesmo tom.

Eu amo sem ter amôres,
confesso a Vocemecês;
no gallicismo ha primores,
eu amo como o francez.

Eu amo a sombra do monte.
A razão querem saber?
Ella traz frescura á fonte,
onde os asnos vão beber.

Por esta ingenuidade
póde-se vêr quem eu sou!
Saiba toda a humanidade
que a asneira já começou.

Eu amo o alegre passeio,
no qual se encontra em geral
fardado com todo o aceio
pacífico General.

Eu amo o heróe da Esquadilha
que, fugindo do escarcéo,
vai dançar uma quadrilha,
e acredita estar no céo.

Eu amo o bonito drama,
que no theatro se pôz;
se lhe não percebo a trama,
applaudo quem o compôz.

Eu amo e estudo a novella,
que é leitura mui gentil,
e accendo véla e mais véla,
para não perder um til.

Eu amo a fabula certa
de Gyges com seu annel,
patranha no livro inserta,
e bem digna de painel.

Eu amo o grande erudito
que nos falla de Irmensul,
e encontrou São Benedicto
cá na America do Sul.

Eu amo estridentes notas,
desconhecidas de Orphêo,
quando, tiradas as botas,
deitado espero Morphêo.

Eu amo a triste harmonia,
recheiada de bemóes ;
musica sem agonia
não vale dous caracóes.

Eu amo a baixa cantiga,
o canto de estylo chão ;
não se perca por antiga
a regra do cantochão.

Eu amo, como thesouro,
voz que não póde subir,
e do cantor faz besouro,
cujo cantar é zumbir.

Eu amo o *assanhassu*, ave
que, conforme se sabe, há
no Brasil, onde é suave
a guela do *sabiá*.

Eu amo o obscuro retiro,
para melhor poetar;
vantagêns que d'ahi tiro
não se podem computar.

De etymologico *y* grego
em palavras de pury
eu amo o adequado emprego,
verbi gratia, Mucury.

Eu amo (e quem é que odeia?!)
linguagem só do Brasil;
da portugueza cadêa
desprenda-se algum fusil.

Eu amo accesos rastilhos
que vão queimar os sermões
de Herculano e dos Castilhos,
de Tolentino e Camões.

Eu amo essa algaravia
que enfumaça o B-A-Bá,
locução que se atavia
de fusco *Tupinambá*.

Eu amo os taes *enveloppes*,
que aos sobrescriptos dão fim ;
mais que o *guarany* do Lopes,
o francez é nosso *affim.

Eu amo o estylo prolixo,
pois o conciso é azar,
fina perola no lixo,
que o frango sóe desprezar.

Eu amo o grosso pleonasmio,
acho o excesso menos máo ;
aproveito o metaplasmo,
quaes muletas de bom páo.

Eu amo os oculos fixos
do professor de latim
que os prefixos e suffixos
sabe tentim por tentim.

Eu amo a phrase que ranja,
e não me posso arrufar,
se dôce eufonia arranja
rouco tambor a rufar.

Sentado á porta da rua,
olhos pregados no céo,
eu amo a pallida lua,
quando se ostenta sem véo.

Salve, ó tu mãi do refluxo
e fluxo de ondas azues!
Eu amo teu magno influxo,
tu nos poetas influes.

Eu amo os altos planetas,
cujos cursos comparei;
graças ás minhas venetas,
poeta aerio serei.

Eu amo os calculos longos,
que aos astrónomos conveem,
sobre os astros caudilongos,
que não dizem d'onde veem.

Contra os regelos da bruma
eu amo, e póрто por fé,
a doce amargura de uma
palangana de café.

Eu amo o ardente cigarro,
gósto tanto de fumar,
que, se algum apanho, agarro,
e não me o venhão tomar.

Eu amo a turva fumaça ,
sem desdenhar o bolor ;
sei que a senhora se maça,
mas o sarro é grato olor.

Eu amo o desinteresse
do bom Padre capellão ,
que daquillo só carece
com que se compra o melão.

Eu amo e louvo a pericia
de Hyppocratico Doutor
que escarlatina e ictericia
não distingue pela côr.

Eu amo o jurisconsulto
que ensejo nunca perdeu,
e, sobre o que lhe eu consulto ,
a razão sempre me deu.

Eu amo a justa mão d'obra
do despacho que me dá
o juiz que se não dobra ,
qual forte *jacarandá*.

Eu amo essa luz mortiça
do embaciado fanal
que supre o sol da Justiça ,
e illumina o tribunal.

Eu amo o bom missionario
que préga, sem ter á mão
vernaculo diccionario,
para emendar-lhe o sermão.

Eu amo a impolada phrase
com que o prégador commum
o enthusiasmo me abraça,
embora eu fique em jejum.

Eu amo a roupa escarlata
do Romano Cardeal,
ainda que o *Vigilate*
quebre esse gôzo ideal.

Eu amo em dias de gala
o desplante do Barão,
a quem a côrte regala,
e os parvos invejarão.

Eu amo alguns dos Viscondes,
por inversão Condes Vis ;
de baralho sejam Condes,
e tenham grã-cruz de Aviz.

Eu amo o que se descobre
de basofia no Marquez :
para bom fim o seu cobre
nem arrancado á torquez.

O eleitoral caballista
eu amo, se por um triz
não engole toda a lista
affixada na Matriz.

Eu amo a candidatura
do amigo particular:
só alma candida atura
tão quadrada circular.

Eu amo o representante
que vai tractar da Nação,
e se mostra um bom tractante,
como os collegas o são.

Eu amo do parlamento
o succoso discutir:
é do espirito alimento,
não deixa de divertir.

Eu amo os mil disparates,
que hão de chegar a milhões,
quando a casa dos orates
accoller esses tralhões.

Eu amo o copo de uma agua
tão pura como o crystal,
allivio da sede e magoa
do orador que não é tal.

Eu amo o aspecto jocundo
do azedo discutidor
que excede a Jove iracundo
em ser mais trovejador.

Eu amo, applaudo e respeito
certas palavras de mel,
que reservárão no peito
quarenta arrateis de fel.

Se o Estadista na tralha
apanhado lucha em vão,
eu amo as pennas da gralha
usurpadas ao pavão.

Eu amo a uniformidade
do que é com o que foi :
felicite a nossa idade
progresso a passo de boi.

Eu amo e admiro a acrimonia
dos partidos do paiz :
ataque sem cerimonia
córta o mal pela raiz.

Eu amo o *testa de ferro*,
que assigne os escriptos teus ;
se ao costume não me aferro,
obstão estímulos meus.

Eu amo os casos amenos
que um exacto boletim
conta, pouco mais ou menos,
de phantastico motim.

Eu amo o lerdo sendeiro
que na entrada foi leão,
retrato assaz verdadeiro
de Luiz Napoleão.

Eu amo a tenra menina,
innocentinha de truz,
que acceita cravo ou bonina,
dá seu muchôcho, e diz — cruz ! —

Se vaidosa creatura
tinge a cara de carmin,
a rubra caricatura
eu amo longe de mim.

Eu amo tal sabichona
que, affeita a politicar,
argúe, quando se apaixona,
El-Rei de Madagascar.

Eu amo a que desentôa
na modinha ou no lundú,
e, espivitando-se á tôa,
ganha applausos do Mandú.

Eu amo *a terra das canas*, (*)
 qual chistoso Salomé ;
 são *yá-yás* americanas
peccatum meum contra me.

Se amenissimo Bernardo
 ja teve a idéa feliz
 de corôar-se de nardo
 para cantar o nariz,

a independencia do espirro
 eu amo, e sempre amarei ;
 capaz de o reter nem Pyrrho,
 nem mais poderoso rei.

Eu amo o annuncio de enterro
 aqui feito no Jornal
 por quem se acha no desterro,
 e de si não dá signal.

(*) Alludo a uma engraçada cantiga do meu amigo Dr. Salomé Queiroga, que principia assim :

Amor, que é mais doce
 na *terra das canas*,
 as farpas tyrannas
 das setas qu brou,
 e d sses teus o hos,
 gentil Marieta,
 formando outra seta,
 meu peito cravou.

Eu amo, ao cahir da lousa,
 micrologia veraz,
 porque sei que a pia cousa
 choromigando lerás.

— *Que serviços meritorios!*
Que filho digno dos pais! —
 Sim, eu amo palanfrios
 entre suspiros e ais!

— *Que serviços meritorios!*
Que filho digno dos pais! —
 Sim, os vossos vomitorios,
 micrologos, não poupais!

Eu amo o justo desprezo
 com que patricios me leem,
 e é vantagem não star preso
 por applausos que me deem.

Eu amo e julgo a acção boa,
 em quanto melhor não fôr;
 dest'arte chego a Lisboa
 perfumado de alcanfor.

Eu amo a satyra rija,
 e o meu fim é corrigir;
 se não ha quem se corrija,
 ninguem posso coagir.

Eu amo.... ninguém se illuda,
ao ouvir esta expressão,
crendo-me alumno que estuda
primeira conjugação.



Inocadilho.

Ad perpetuam rei memoriam.

Deixando a lei no tinteiro,
 todo o direito transtorna
 o juiz quando é bigorna
 sob a pressão do *malheiro*.

Se escolher sentidos latos
 contra o réo não se consente,
 p'ra condemnar o innocente
 só o *faria* Pilatos.



Epigramma.



« — Bocage descreu dos medicos,
fez-lhes muitos epigrammas!
Tu, Vate Reverendissimo,
aquelle exemplo não amas?

« — Queres que eu siga sem calculo
exemplo que me não quadre?
Faltando defuncto e exequias,
de que ha-de viver um Padre?!



Epigramma.

A causa do réo discute-se
perante o seu julgador.
«—Que houve crime é cousa *liquida*,
diz o forte accusador.
« — Sim! A prova não é *solida*,
responde-lhe o defensor.



Epigramma.

« — Seja ou não seja trambolho,
ninguem nos dirá que é peta
ter-se inventado a luneta
para servir a um olho.

« — Mas tem dous olhos o rosto !
Como escolher?! « — ora ponde,
conforme já tendes posto,
a luneta.... não sei onde. (*)

(*) A folha official do Ouro-Preto, na parte editorial e sob a rubrica — *Luneta politica* —, varias vezes lembrou-se de mim, dirigindo-me amenidades de carvoeiro. Desde que o *Liberal de Minas* publicou este epigramma, desapareceu a *Luneta*. Onde estará ella e seu autor ?

EPIGRAMMA.

« — Qual é a tua bandeira,
Cameleão Policastro ?
« — A que estiver sobranceira
no tope daquelle mastro.
« — Partidista da algibeira,
não serves nem para lastro !



EPIGRAMMA.



« — Confesso que não me agrado
de nenhum teu epigramma.
— « Epigramma não é prado !
Aqui ha *grama*, alli *gramma*.



PARABOLA. (*)

« — Não me dirás, capinheiro,
 porque está tão magro assim
 esse burro vil, ronceiro,
 carregado de capim ?

« — A causa, que tem havido,
 é mui facil de se dar ;
 só comido e digerido
 o capim póde engordar.

.
 Se o Doutor possui na estante
 muitos livros que não lê,
 da satyra não se espante,
 nem por achado se dê.

(*) A idéa capital desta parabola é de Laboulaye.

Epigramma.



« — Se expressões *esputatílicas*
Um Cicero não atura,
proferes a *estapafurdia*
palavra — *estalejadura*?!

« — Affirmo que é termo classico,
e tu sabes que não minto;
n'um dos ultimos capitulos
lê-se em Fernão Mendes Pinto.

« — Bem! Mas se esta questiuncula
a Fernão se propuzésse,
seria assim tão juridica
a resposta que elle dêsse?



PARABOLA

A GANGORRA.

São brinquedos de rapazes
pião, peteca, piorra;
e não sei se idéa fazes
do que elles chamão gangorra.

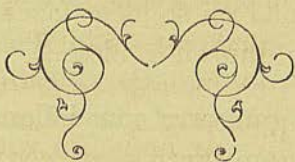
A gangorra com balança
algum tanto se parece,
em cada braço a criança
desce e sobe, sobe e desce.

Nas vantagens não atino
da balança desastrada,
que ás vezes deixa o menino
com a cabeça quebrada.

.

Politica em nossa terra
é verdadeira gangorra :
ninguem a ella se aferra
sem que algum perigo corra.

De quanto lhe tenho medo,
idéa exacta não fazes ;
a politica é brinquedo
de malcriados rapazes.



Uniforme multiforme.

A Guarda Nacional presentemente,
 por mais exacta idéa que se forme,
 qualquer noção desmente
 do que seja uniforme.

O motivo da immensa variedade,
 tanto em pennachos como em barretinas,
 se indagas, na verdade
 digo que não atinas.

Dos diversos torcidos alamares,
 que primão no capricho do trançado,
 se o calculo formares,
 dás parte de cançado.

Se acaso faz mudança de Districto,
 não digo de Parochia, o pobre Guarda
 tem dever mui restricto
 de mudança de farda.

Aquella que comprára já não serve,
 nem calças que em bom uso inda trazia;
 de novo a lei se observe,
 fique a bolsa vasia.

Do guarda cidadão a paciencia
 cavalleiro não faça de um argueiro,
 e alimente a sciencia
 do alfaiate e sirgheiro.

.
 Vejo rico fardamento
 de bonito verde gaio!
 Quem será o papagaio?!
 É um Guarda Nacional.

Vejo rico fardamento
 de lustroso panno azul!
 Quem será o grão taful?!
 É um Guarda Nacional.

Vejo rico fardamento
 de panno côr de laranja!
 Quem assim seu ouro esbanja?!
 É um Guarda Nacional.

Vejo rico fardamento
Vermelho como zarcão!
Quem será o pimentão?!
É um Guarda Nacional.

Vejo rico fardamento
de moderno solferino!
Quem será o figurino?!
É um Guarda Nacional.

Vejo rico fardamento
de finissimo carmim!
Quem bate arma para mim?!
É um Guarda Nacional.

Vejo rico fardamento,
feito de panno alvadio!
Quem será esse vadio?!
É um Guarda Nacional.

Vejo rico fardamento
de panno côr de rapé!
Quem faz tanto rapapé?!
É um Guarda Nacional.

Vejo rico fardamento,
todo elle de panno pardo!
Quem será o leopardo?!
É um Guarda Nacional.

Vejo rico fardamento,
tão preto como carvão!
Quem fica na escuridão?!
É um Guarda Nacional.

Vejo rico fardamento
de cima ábaixo amarello?
Quem se cobre de farello?!
É um Guarda Nacional.


Vejo rico fardamento
reluzente, furta-côr!
Quem será o beija-flôr?!
É um Guarda Nacional.

.
Se a Patria é uma só que nos sustenta,
em vez de uma só côr porque é que são
para mais de setenta ou mais de oitenta
os matizes da Guarda da Nação?!

É que para purgar nossos peccados,
ou antes por desdita do Brazil,
legisla por avisos ou recados
Ministro que é tão bom como o Aguasil.



Camelia viajante

m prova de sympathia,
que tributo á Dona Amelia,
por intermedio da tia
enviei-lhe uma camelia.

E Dona Amelia a seu turno,
mostrando ser generosa,
á prima de alto cothurno
envia a flôr primorosa.

Para que melhor exprima
de seu affecto a pureza,
manda a flôr aquella prima
para a donzella Thereza.

E a travêssa Therezinha,
 que de amôres faz chacota,
 lembrou-se que era vizinha
 da jovial Maricota.

Tambem Maricota envia
 a Camelia a Flôrisbella,
 dizendo que não havia
 flôr mais lustrosa e mais bella.

Vai o mimo para Emilia,
 d'ahi para Philomena;
 recebe-o cada familia
 com a expressão mais amena.

A camelia é de Mathilde,
 é da joven Conegundes ;
 passa das mãos de Clotilde
 á viuva do Fagundes.

Depois destas viravoltas,
 apoz redondo passeio,
 linda flôr, eis-que me voltas,
 e repousas em meu seio.

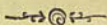
· · · · ·
 Um bom pipote de vinho,
 lombo, presunto ou salmão
 não pudera, eu adivinho,
 reverter á minha mão.

Remeda jardim florido
estrellado céo de anil,
porém será preferido
sempre o gostoso pernil.

Que eu envie á Dona Amelia,
aconselha a Salomé,
um lombo em vez de camelia,
no dia de São Thomé.



EPIGRAMMA.

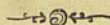


Permitta Deus que não chova,
quero hoje fazer viagem;
sou hospede, e aquella alcova
já precisa de lavagem.

Verdade é que o pouco aceio
largamente se compensa,
pois almoço, janto e ceio,
e alimpo assim a despensa.



EPIGRAMMA.



Graças á torpe cabala,
 ao empenho, ao patronato,
 do parlamento na sala
 teve entrada um candidato.

O triumpho acoroçôa
 a improvisada Excellencia,
 passa o bruto a ser pessoa,
 quer ser homem de sciencia.

Lêde um compendio, estudai-o
 com pachorra systematica;
 se já não sois papagaio,
 sabereis o que é grammatica.



Epigramma.



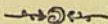
Graza de Sorocaba
 gorda tropa um muladeiro,
 se o mantimento se acaba,
 ainda resta dinheiro.

Vê na estrada uma taverna,
 e o taverneiro em sancto ocio ;
 pergunta se elle a governa,
 e o que tem para negocio.

Responde aquelle em voz alta,
 como quem não se embaraça :
 — *ha de tudo ; nada falta.* —
 E havia fumo e cachaça !



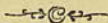
Epigramma.



Dizem que os ratos fugião,
quando Bibita cantava !
Coitadinhos ! Presumião
que alguma gata miava.



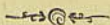
EPIGRAMMA.



Em a voz adocicada,
e entôa pilherias finas
certo cantor de lundús.
Quem sabe se a goiabada,
com teu sal, queijo de Minas,
tão doce chiste produz?!



EPIGRAMMA.

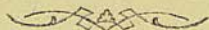


Tua avó, a quem Deus tenha,
 foi prima de teu avô ;
 o exemplo creio que venha
 de bisavó e bisavô.

Tua mãe depois casou-se
 com seu primo, que é teu pai ;
 o costume prolongou-se,
 e adiante ainda vai.

Ao idiota sobrinho,
 tua filha é bom que dê ;
 haja mais um par mesquinho,
 e requinte a estupidez.

Os plebeus, com serem pobres,
 também são filhos de Deus ;
 mas teus parentes são nobres,
 embora sejam sandeus.



Epigramma.



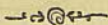
Para que te serve o siso?!
 Se és acanhado, não medras!
 Tramelear é preciso,
 dando por páos e por pedras.

 Se gente sábia se ajunta,
 não sejas o derradeiro.
 Suppõe que alguém te pergunta :
 ¿ qual a patria do estrangeiro ?

 Teus vastos conhecimentos,
 a modestia não constranja !
 Dize com bons fundamentos
 que elle é natural da *Estranja* !



EPIGRAMMA.

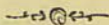


« Fazei-me Deputado , e eu vos protesto
em tudo proteger a agricultura.

« — Tão justa aspiração lhe não contesto ,
mas, antes de subir a tal altura,
eu lhe aconselho um meio bem achado :
adextre-se na fouce e no machado.



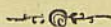
EPIGRAMMA.



Se mostras engenho e arte
nas vestiduras tão guapas,
o rifão posso applicar-te:
— *mais mula, menos gualdrapas.* —



EPIGRAMMA.

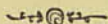


« — Do paiz em beneficio
hoje sou, meu *caipira*, (*)
sacerdote da Justiça!
Prepara-se o sacrificio,
e já se construe a pira,
mas o fogo. . . . quem o atixa?

« — Se houver alguém que lhe deite
um poucachinho de azeite,
acceite, Doutor, acceite.

(*) Na cidade capital de S. Paulo quem não é nem academico
nem *bixo* é *caipira*. Exceptua-se o seminarista que é *formigão*.

EPIGRAMMA.



« — Quando me assento na banca ,
escriptor não me desbanca !

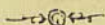
« — Pois não ha tão bons auctores
nas nossas bibliothecas ? !

O que sois entre escriptores ? !

« — Tabellião de hypothecas !



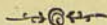
Epigramma.



« — Sobre o novo Presidente
queres ouvir meu conceito?
É homem assaz prudente!
« — Já lhe não aferro o dente!
Teu juizo recto acceito!
como eterno pretendente,
nesse officio dás preceito!



EPIGRAMMA.

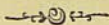


Fanfarrão topetudo
que para jogar se senta
ronque pouco, tope tudo,
vinte, quarenta, sessenta.
Se não traz limpa gravata,
para que tanta bravata?



EPIGRAMMA.

(1870)



« — De vêr o teu despacho me não lembro
na folha official de Villa-rica !

Nós em que mez estamos? « — em Dezembro.

« — Prosegue o expediente, ou onde fica ?

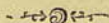
« — Não tarda a publicar-se o de Setembro.

« — O editor é caranguejo ,

Ou rato dentro do queijo ?



Discursos em branco.



Entra em discussão (brada o Presidente)
a postura da Camara de Lavras !

Eis que temos de ouvir em continente
chorrilho de bombasticas palavras.

Quem da eloquencia quer seguir o curso
venha vêr no Jornal quanto discurso !

O Senhor Valentim Espalha-brasas :
(não nos veio o discurso)

O Senhor Manoël Parlapatão :
(não nos veio o discurso)

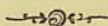
O Senhor Don Quichote de Las-Casas :
(não nos veio o discurso)

O Senhor Modestino Papelão :
(não nos veio o discurso)

A folha official de Villa-rica
traz nomes de oradores, um por um ;
quer-se lêr, mas a gente sempre fica,
quanto aos gordos discursos, em jejum.



EPIGRAMMA.



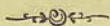
Um *xará* (*) de *Marco Tullio*
 orou na honrada salinha,
 mas o aborto de eloquencia
 á luz da imprensa não vinha.

Meu amigo e senhor *Cicero*
 (escreve o editor da folha)
 mande o discurso de sabbado,
 que não é nenhuma bolha.

(Responde o orador) o publico
 tem o dever de esperal-o!
 Esse discurso tão celebre
 inda vou improvisal-o.

(*) *Xará* é palavra muito conhecida entre nós, mas não a achei em dictionario algum. Significa a pessoa que tem o mesmo nome que outra, v. g., Pedro é *xará* de outro Pedro, Maria de outra Maria. A significação portanto é mais restricta que a de *homonymo*, pois só se refere a nome proprio de homem ou de mulher.

EPIGRAMMA.



Descobrem-se mil defeitos
em tal servidor do Estado,
quaesquer que sejam seus feitos,
é elle mal reputado.

Falleceu esse Estadista?
Oh que varão de virtude!
Já não falta apologista
que seus meritos estude.

Se *Esopo* tem consentido
que o terreno se lhe invada,
seja o caso repetido
do asno morto e da cevada.



Epigramma.



Meu senhor (dizia o escravo)
lá na terra onde morava
não fez, nem soffreu aggravo,
a gente toda o estimava!

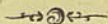
Quando sahio de mudança,
elles lá derão banquetes,
houve muita contradança,
e até soltárão foguetes!

Quem m'o contou foi o Braz,
que tinha ficado atraz.



Epigramma.

1870



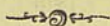
« — Chegou enfim o correio
da cidade Imperial, (*)
o expediente hoje veio
na gazeta official.

« — Té quando está publicado?
Dê-me a folha, deixe vêr!

« — Folhinha do anno passado
nunca te occupes em lêr.

(*) A capital de Minas Geraes tem o titulo de Imperial Cidade.

Epigramma.



Confiou-te o Juiz essa tutela
e, antes que os orphãos cheguem a gozar,
já tudo se extravia ou desmantela,
porque em vez de *zelar* sabes *lezar*.

Houve na terra um optimo tutor,
Minerva sob a forma de Mentor!



DIALOGO.

O CANDIDATO E O ELEITOR.



« — Se me deres o teu voto,
ser-te-hei sempre devoto.

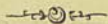
« — Assim farás o que deves.

« — Sei que para Deputado
não estou habilitado.

« — Até hi morreu o Neves.



EPIGRAMMA.



Mascidas entre o ruim povo
escarnecem gentes tolas
de haver *Barão de Cascalho!*
Para mim não será novo
se houver *Barão de Cebolas,*
ou *Barão de Cascas d'Alho.*



Epigramma.



Se, apesar de que tens escripto tanto,
o nome de escriptor jamais te dão,
só pela rasa o teu sublime canto
bem póde dar-te o nome de escrivão.



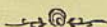
EPIGRAMMA.



Esses cursos excellentes
grande é o serviço dos lentes
a fabricarem doutores,
que nada têm de indolentes
nas cartas aos eleitores.



Epigramma.

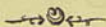


« Adoptamos por nosso candidato
O senhor *Lamartine Embirussú*.
Esperamos que accete este mandato,
e seja o do Brasil *Licurgo assú*. »

Eleitores fizerão pelas folhas,
quasi unanimes, tal declaração ;
mas, fôssem ou não fôssem virafolhas,
o candidato afunda na eleição.



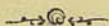
EPIGRAMMA.



D corpo eleitoral (alguem previne-o)
não esquece *Demosthenes* profundo!...
Mas (oh decepção!) corre-se o escrutinio,
e em vez de elle ir p'ra cima, vai pr'o fundo.



EPIGRAMMA.



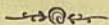
Como andava errado Socrates
quando fez a exclamação
a quem lhe achava estreitissimo
o casebre em construcção!

Se os eleitores do amplivago
sertão de Minas-Geraes
dizeis vós que são innumerous,
nem por isso o exaggerais.

Candidato á senatoria
manda sua circular,
e a um por um dá o titulo
de amigo particular!



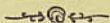
EPIGRAMMA.



Ficarei desenganado
se o prestimoso *Fonseca*,
entrando para o senado,
me disser—sou *fonte sêca!*—



CORRESPONDENCIA ELEITORAL.



« Amigo, neste momento
recebi a tua carta,
que vem completar um cento!
Estou de barriga farta!

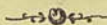
« — Cartas encherem barriga!
Mandei-te inclusa garôpa?!

« — Palavras, por mais que eu diga,
é que não adubão sôpa.

Mas cartas de um candidato!
oh quanto sal acho nellas!
Adubo não só de um prato,
senão de muitas panellas.



EPIGRAMMA.



« Tua barba está tão branca!
Tão preta tua cabeça!
« — Minha palavra é bem franca,
por menos que vos pareça:
cabeça em repouso deixo,
e dou que fazer ao queixo.



EPIGRAMMA.

Nisi quis renatus...

Admirai, tempos futuros,
 o attestado do Vigario :
 « baptizei, se bem me lembro,
 « depois da lei de Setembro,
 « que de escravos faz ingenuos,
 « mais de vinte *nascituros*.

Meo nonato São Raymundo,
 desbancarão-te no mundo !



EPIGRAMMA.

« Se *Fuão* no parlamento
attentamente escutares,
dirás que elle é o ornamento
daquelles parlamentares.

« — Acredito no que allegas,
porque conheço os collegas.



Remediação.

« Emfim consegui este habito
da vulgar ordem da Rosa!
Sei que, apezar de honorifica,
de alto conceito não goza;

porém querò o privilegio,
porque, se commetto um crime,
sou cavalleiro, e esse titulo
de ir á enchovia me exime. »

Eis o motivo simplissimo
que um cigano apresentava
para salvar os principios
que liberal professava!

Passado pouco tempo, o cavalleiro
envolveu-se no furto de um cavallo;
o accusador, perfeito libelleiro,
circunstancia encontrou para aggravalo!


EPIGRAMMA. (*)

Eerto Doutor quadropata,
fidalgo de sangue azul,
é o mais alto aristocrata
desta America do Sul.

De sua limpa nobreza
apresenta certidão,
pois o pai para clareza
passou-a sendo escrivão.

(*) Será necessario declarar que este e o seguinte epigramma
forão feitos por *um* José Joaquim Corrêa de Almeida?

Epigramma.

edico, cheio de escrophulas,
esquecido do aphorismo,
vai perguntar a outro medico
se aquillo ataca o organismo !!!

Apezar de ser astronomo
o consultado allopatha
espantou-se da sciencia
do orelhudo quadropata.



EPIGRAMMA.

Este fôfo aristocrata,
que tem dormido no chão,
sente as pulgas e não tracta
de esfregar a comichão!



Epigramma.

Oh como tens engordado!
Que bochechas, que toutiço!
Creio que emfim já me é dado
descobrir a causa disso!
A um espirito fôfo
junta-se um corpo balôfo!



EPIGRAMMA.



« — Qual a data em que foi feita
« a invenção de encouraçados ?
« — Os Vapores a agua acceita,
ha poucos annos passados ;

mas não são de fresca data
os, que a politica encerra,
encouraçados que á pata
navegão cá pela terra.



EPIGRAMMA.



« — Hontem foste ás galerias
do parlamento merim ?

Certamente applaudirias
muita cousinha ruim !

« — Infelizmente esse mal
é nosso estado normal !



EPIGRAMMA.

« — Estou á espera de um hospede,
fidalgo de alta linhagem,
e, se a fadiga é tamanha
em varrer teias d'aranha,
casa limpa elle ha de achar.

« — Não será mais hygienico
fazer completa lavagem
depois que elle se ausentar?



EPIGRAMMA.

Totonio é moço lindo!
Por moças muito fallado!
Se ellas estão discutindo,
já se sabe, elle é o assumpto!
« — Viste-o sabbado passado
a carregar o defuncto?
« — Se o vi!... Meu bom Sancto Antonio!
Olhei bem para o Totonio!



Jambo e amendoim.

Barbarus hic ego sum.
(OVIDIO.)

Mais sabe o tolo no seu
que o avisado no alheio.
(ANEXIM.)

Por mais que seja atilado
o recém-vindo da Europa,
aqui fica atrapalhado
em cousinhas com que topa.

Europeu e Brasileiro
erão dous caixeiros, e ambos
comprárão de um taboleiro
cinco ou seis duzias de jam bos.

Percebendo o Americano
que, lançando as cascas fóra,
o de além-mar por engano
caroço amargo devora,

Mostrou, por ser caridoso,
ou fôsse lá porque fôsse,
que o caroço era amargoso,
que só a casca era doce.

Depois de vêr que se come
no Brazil casca de fructa,
o Europeu, quando tem fome,
com caroços já não lucha!

.
Dizem que achando outro dia
um sacco de amendoim,
O bom homem pretendia
comer-lhe a casca ruim.



EPIGRAMMA.

Eocão rebate, assusta-se a cidade!
Será fogo, ou será revolução?!
Em armas apparece a mocidade,
conforme a cada-um de uso já são.

Que horror!... O incendio as ruas alumia!..
E os alumnos da escola militar
acodem com os de outra academia
armados com seus tacos de bilhar!



GATO POR LEBRE.

Esperançoso joven
é novo Anacreonte,
e applausos que lhe chovem
já não há quem os conte.

Se é primo do Almirante,
sobrinho do Visconde,
de carreira brilhante
a trilha não se esconde.

A gazeta annuncia
o primeiro volume
de amena poesia,
que hontem sahiu a lume.

O redactor é todo
acceso enthusiasmo,
ha synonymia a rôdo,
a granel pleonasma,

A leitura singela
da metrica belleza
o corpo me enregela,
pois tanta é a friesa.

Como aqueceu a imprensa
o que me causa frio?!
Não pôde ser infensa
a sobrinho de tio!

Pobre de mim, pateta!
Maior será meu logro,
se annunciação poeta
o genro de seu sogro.



EPIGRAMMA.

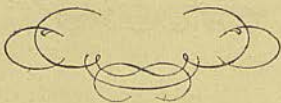


Donzella espirituosa
 offertava da janella
 uns cravos á Dona Rosa,
 que como ella era tão bella.

Passava certo estudante,
 só de vista conhecido,
 o qual, com ser mui pedante,
 era assaz intromettido.

« — Dá-me esses cravos, menina?

« — Não posso, pois já stão dados;
 alli perto na officina
 há outros atarracados.



Epigramma.



Erazia um viandante na algibeira
folhinha que foi feita para porta.
Se a medida é bastante financeira,
lá isso pouco importa.

Para saber as horas no caminho
um companheiro dice-lhe: ora vêde
se trazeis ahi dentro do bolcinho
relogio de parede.



Epigramma.



P régava o bom Padre Pio
em quaresmal procissão,
e corria o pranto em fio
a todo o fiel christão.

No meio de tanto ouvinte,
a quem macera o jejum,
stava como para acinte
sem compuncção sómente um.

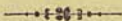
Foi ao vêr-lhe a enchuta cara
na solemne occasião
que não sei quem lhe exprobara
dureza de coração.


A este que o reprehende
responde o que não chorou :
Vocemecê não attende
que de outra Parochia sou ?!



Parabola.

A P E S C A .




 stende-se a rede, pesca-se
 no rio Sapucahy ;
 peixe grande soffre magoas
 ao vêr-se enredado ali ;
 pelas malhas foge incolume
 o pequeno lambary.

.
 Consoladora lição !
 Cahe o ricaço ou graúdo
 nas redes da perdição,
 e acha o pobre tão miúdo
 de escapar occasião !



PARABOLA

RASTO FRIO.



Embora o nedio Melampo
 seja bom farejador,
 trabalho inutil no campo
 ja tem dado ao caçador.

É cão de ensino e de brio,
 conforme o dono me diz;
 porém segue o rasto frio,
 por onde existiu perdiz.

.
 Sem ser filho de cachorra,
 animal entre nós ha
 que, pela sua pachorra,
 só em rasto frio dá.



PARABOLA.

A PREGUIÇA.



Pm certo animal pelludo,
 que o Brasil cria em seus matos,
Preguiça, se não me illudo,
 é no nome e mais nos actos.

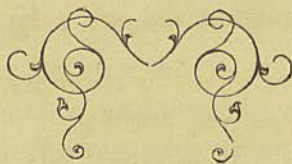
Procura (e já não é pouco!)
 os grelos de alta *embaúba* ;
 porém gasta o bicharôco
 tempo immenso até que suba.

A *Preguiça* estando em cima,
 tenras folhas vai comendo ;
 o regresso a desanima,
 não quer trabalhar descendo.

De que meio usará ella,
 para descer sem trabalho ?!
 Dizem-me que se ennovela,
 e se derriba do galho !

.
Neste clima em que vivemos,
neste paiz de uberdade,
de *Preguiças* acharemos
avultada quantidade.

Preguiças com forma de homem
fazem na cuiã a *jacuba* ;
cousa muito peor comem
que esses grelos de *embaúba*.



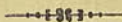
Ingenuidade policial.

—•••••

« — Ao governo pedi quarenta praças, para evitar desordem na eleição, e essa força, não sei lá porque traças, deixou de vir naquella occasião.

« — E então houve desordem? « — Senhor, não; mas pertence o triumpho á opposição.



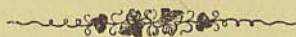
O post-scriptum.

Para um seu correspondente
Braz mercador escrevia,
e (coitado !) de repente
cahe morto de apoplexia.

Quando a victima cahida
já deste mundo se aparta,
assignada e concluida
inda não estava a carta.

E o guarda-livros lembrou-se
de aproveitar o serviço ;
pelo finado assignou-se,
mas declarou depois disso :

Não vai por minha letra a assignatura,
e desculpe-me Vossa Senhoria ;
conforme o guarda-livros o assegura,
acabo de morrer de apoplexia.



Epigramma.



«— Vinde escutar-me, ó turba mansueta!
Pindahiba Acauan de Montezuma
do Brasil é sem duvida nenhuma
o *primeiro* poeta!

«— Mas é o primeiro em ordem chronologica,
ou é o primeiro em ordem alphabetica?!

«— A essa questiuncula sem logica
as honras não darei da dialectica!



Epigramma.



« — Vossa Excellencia não gosta
deste auctor? « — Não o conheço.

« — Quer leval-o para lêr?

« — Não, senhor, não appeteço.

Antonio José da Costa

que versos póde fazer?!



Epigramma.

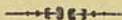


Gostei da onomatopeia
 de um nome, que é muito nosso ;
 gravei-o na minha idéa,
 delle esquecer-me não posso.

O leitor, se é compassivo,
 da pergunta se não queixe :
 ha nome tão expressivo
 como este — *Rio do Peixe*? (*)

(*) O Presidente de Minas ordenou que marchasse *in conti-*
nenti para a guerra do Paraguay o batalhão da G. N. do *Rio*
do Peixe. O Tenente-coronel, homem de reconhecido bom senso,
 communicando o resultado ao Commandante Superior, expri-
 mio-se pouco mais ou menos assim : comparecêrão á revista
tantos Guardas ; destes estão remidos, por já terem dado sub-
 stitutos *tantos* ; têm estas e aquellas isenções, *tantos* ; de sorte
 que se aquartelou sómente *um* Guarda Nacional, *cujo um* deser-
 tou esta noite.

EPIGRAMMA.



Es todo cheio de vento,
ao menos tens esse dom ;
foste feito, não invento,
para soprar bombardon.



Epigramma.




Titular foi despachado
esse discreto Senhor?!
Perdeu, qual cobre punçado,
metade do seu valor!



EPIGRAMMA.



ue nome pouco notavel!
Manoel Pereira de Souza
A alcunha é bem acceitavel
de Barão de qualquer cousa.



EPIGRAMMA.

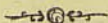


Não se encontram no registro
os benefícios que faças,
e supplicas ao Ministro
que te contemple nas graças !

Pois bem ! Serás despachado,
nem farás figura fraca,
quando fôres alcunhado
Barão de Meia-pataca. (*)

(*) *Meia-pataca* é um logarejo da Provincia de Minas notavel unicamente pela producção de *Saracuras*.

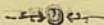
EPIGRAMMA.



Eys Ministro e não governas?
Esse é o poder que te dão?
Porque não sahes?! Não tens pernas?!
Anda, Marquez de *Albardão!*



EPIGRAMMA.



Quando El-Rei sem *corrigenda*
reina governa e administra,
quem decretos referenda
não é Ministro, é *Ministra*.



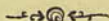
EPIGRAMMA.

— 523 —

« — Digã-me cá, meu *Padreco* :
por ahi não tem constado
que *Dom Ego Doutoreco*
já é Ministro de Estado?
« — Ministro, não ! . . . *Ministreco*.



EPIGRAMMA.



«— Um dos meus tres filhos machos
ao Direito se destina,
outro estuda Medicina,
fructeiras que dão bons cachos.

«— E o terceiro, meu compadre ?
«— Lá esse a nada se ageita,
mas, emfim, se quer ser Padre,
a vontade será feita.



Epigramma.



« — Vais casar-te?! Não seja a noiva leve
de cabecinha!! « — Eu disse não sei nada!
Mas dizem que na praça o pai não deve,
e em casa tem a bolça bem pesada!



EPIGRAMMA.

« — Por meu honroso trabalho
já possúo alguns milhões,
quanto á pecunia hoje valho
mais que os nossos *medalhões*.

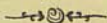
« — Justo é que um titulo queira
quem tanta riqueza tem,
a Barão da *Mantiqueira*
dá jus o immenso vintem.

A palavra apropriada
ao individuo será,
certa idéa associada
sempre o titulo trará. (*)

(*) Existiu antigamente na serra da Mantiqueira, perto de Barbacena, uma quadrilha de ladrões, cuja importancia o terror exaggerou. Depois uma cantiga popular dizia assim :

Nos roubos da Mantiqueira
não se achou mulato, não ;
acharão senhores brancos,
coronel, e capitão.

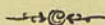
Epigramma.



Louvas de Tacito o estylo?!
Nãs sei se terás razão!
Contra o merito daquillo
protesta o tabellião.



EPIGRAMMA. (*)



Ha hi quem tenha apostado
que as taes *dobras do infinito*
o fizerão pequenito,
e algum tanto amarrotado.

(*) Não repugna que um nosso romancista fallasse em *dobras do infinito*. Horacio dá a entender que Homero uma ou outra vez toscanejou. *Quandoque bonus dormitat Homerus.*

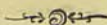
EPIGRAMMA.



Dentro de um taquarussú
veio de Itapemerim
noticia para Iguassú
de como o infinito assú
passa a infinito merim.



Epigramma.



Ee de Homero o poema antigo e celebrado
coube dentro da casca estreita de uma noz,
quando o infinito fôr e bem e bem dobrado
ha de vir a caber n'uma casca de arroz.



Razão pouco lisongeira.

No baile, minha senhora,
 não se despreza a etiqueta,
 nem cortezias penhora
 lapuz de grossa jaqueta.

Vai perguntar joven linda
 a Diogo Madureira
 se Sua Excellencia ainda
 não tem par para a primeira.

O homem stava disponivel,
 acceita o honroso convite;
 do favor não é possivel
 considerar-se elle quite.

Convidar tem sido dado,
 neste caso, ao cavalheiro;
 pela dama convidado
 Diogo foi o primeiro.

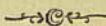
No intervallo da quadrilha
é de assucar a palavra,
e, vencendo a prata, brilha,
qual ouro da melhor lavra.

« — Discreta joven, consinta
que minha ousadia inquiera:
porque o costume desminha
quem para a dança me tira?

« — Motivo assaz cauteloso
deveis enxergar naquillo!
Meu marido é mui zeloso,
e assim ficará tranquillo.



Diabrura de um formigão.



Faes artes faz o estudante
da moral em menoscabo,
que o pé lhe não põe diante
o astucioso diabo.

Contão que um do Seminario,
que de Padre já tem cara,
dentro de um confissionario
por acaso se assentára.

Veio então casta matrona,
de joelhos persignou-se,
toda humilhada e chorona
largamente confessou-se.

Sem ter nada perguntado,
posto que não fôsse mudo,
conservou-se elle calado,
como entregue a sério estudo.

« — Padre, diz a penitente,
absolve-me, eu te supplico.

« — Não sou Padre, impertinente;
absolvições não applico.

« — Pois não és Padre, marôto?!
Vou contar ao Senhor Bispo!

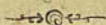
« — E eu, minha senhora, a chouto
para o Seminario chispo.

Porém tome bem sentido!
Conte ao Bispo o que quizer,
que eu contarei ao marido
os segredos da mulher.

.
Dona Lucrecia ao vizinho
não pergunta, e é natural
que ainda ignore o caminho
do Palacio Episcopal.



Que os ha, ha-os !



De certo Rei é fama que o valido
 lhe contou como grande novidade
 que havia um camponez mui parecido
 com Sua Magestade.

Dignando-se o Monarcha de ir á caça,
 lembrou-se do camponio. Não se engana
 quanto á morada, e então lhe faz a graça
 de invadir-lhe a choupana!

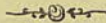
Na presença do rustico singelo
 eis que se achou, e a cara lhe examina;
 o espelho facilita o parallelo,
 e os dous não discrimina.

«—Homem! pergunta o Rei ingenuamente,
 á côrte vossa mãi foi algum dia?!

« — Minha mãi, não ; meu pai antigamente
 muitas vezes lá ia.



Epigramma.

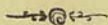


Para a Festa de São Guido
foi pedir o capellão
a leigo pouco instruido
que lhe escrevesse o sermão.

Se a modestia é sempre acceita,
Senhor Padre capellão,
por favor peça receita
o medico ao charlatão.



EPIGRAMMA.



Doutor, tua intelligencia,
que até qui tem sido escassa,
só reconhece exigencia
no passatempo da caça.

Se fazes no parlamento
discursos estropeados,
provas com forte argumento
que és caçador de veados.

Ao ouvir tantos apartes
no salão repercutindo,
lembram-me os cães, quando partes
a gritar, e elles latindo.



EPIGRAMMA.



Se estás diante de mim,
a satyra não desminta
os teus costumes, Joaquim.
O pintor que melhor pinta
estuda o seu manequim.



EPIGRAMMA.



E um crime após outro crime
tens feito, e mil maroteiras,
a astucia te não exime
de alguma das ratoeiras.
Tanto vai o cão ao moinho,
que uma vez larga o focinho.



Lição aproveitada.



Discursava um grammatico discreto,
notando varios erros no dizer ;
preceito que elle dêsse era decreto,
julgavão magistral seu parecer.

« Se não ha costelletta de *carneira*,
se pernil de *cabrita* o que é não sei,
por não cahir em uma grande asneira
Carne de vacca eu nunca vos direi »

A Joanninha com empenho
escutava a reflexão,
e, escrevendo em seu canhenho,
esperava occasião.

Esta, á passos apressados,
felizmente pôde vir ;
Joanninha sobre guisados
teve então de discutir.

Da pergunta aqui não tracto,
mas sua resposta foi:
a qualquer que seja o prato
eu prefiro — *ubre de boi.*



EPIGRAMMA.



Ea flôr dos magistrados
este Doutor de capello ;
Ao mais habil dos letrados
desbanca o Doutor Camello !



EPIGRAMMA.



Que qualquer Padreco prégue,
é este o desejo meu ;
á prédica pois se entregue
o Padreco Borromeu.



EPIGRAMMA.



De requerer certa cousa
incumbiu-se um Bacharel,
e o supplicante repousa
no seu patrono fiel.

Depois de ter esperado
sem receber solução,
pergunta o leigo ao letrado
se já fez a petição.

Inda Vossa Senhoria
(o Bacharel é quem diz)
não veio, como cumpria,
dar-me o nome do juiz!



Epigramma.



Era *alta* noite, eu dormia,
 (se ha noite *baixa* não sei)
 frouxa candêa alumia
 o quarto em que repousei.

Bem me lembro, tive um sonho,
 do qual não me hei de esquecer!
 Nem sabe o leitor bisonho
 que sonho podia ser!

Que está por saber afflicto
 não m'õ dice, adivinhei!
 Eu lhe conto ... sim ... reflecto...
 — *que então dormia sonhei!* —



Epigramma.

Discutia um libertino
o assumpto — *religião* — ,
com fumaça de ladino
não passava de asneirão.

« — Qual inferno ! Não existe,
nem póde inferno existir !

« — Se o não ha, diz-lhe um com chiste,
para onde tu has-de ir ?!



PARABOLA.

A PASTORA DO POETA.

Ganta hyperbolico bardo
 os dotes de uma pastora
 de belleza seductora,
 com seu perfume de nardo.

Ouviu-se tanto elogio,
 vai-se vêr essa beldade,
 e encontra-se, oh raridade,
 uma filha de bogio!

.
 Quem, para a compra, se fia
 em catalogos, é tolo ;
 nos incautos o carôlo
 pespega a typographia.




Epigramma.

« — Dizei-me, dai-me esse gosto,
sincero republicano :
porque vos mostrais opposto
ao Pontifice Romano ?

« — Respondo sem fazer pausa :
aos principios sou fiel,
defendendo a *regia* causa
de Victor Emmanuel.



EPIGRAMMA.

erto devoto de *Baccho*
 não sei se estava doente,
 cahiu porém de repente,
 dando assim parte de fraco.

Por ser medico e vizinho
 vão chamar *João Semana*,
 que percebe a carraspana
 só pelo cheiro do vinho.

Homem de sabia modestia,
 ao exprimir seu juizo,
 sem notavel prejuizo
 deu outro nome á molestia.

« — Diz elle: o medico assenta
 que são ataques nervosos.

« — E tambem *spirituosos*,
 o proprio enfermo accrescenta!



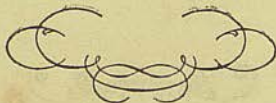
Epigramma.

-
- « — Vocemecê inda ignora
que sou um homem de bem ?!
- « — Ficarei sabendo agora!
Que data a promoção tem ?!



EPIGRAMMA.

Elle é um poeta notavel !
(E não se escreva isto em grypho)
Dou-lhe apreço, é desfructavel
na charada e logogripho !
Quando acrosticos fazia,
já se lhe deu primazia !




Epigramma.

A espectativa dess'obra
até sobra!
E este titulo diviso:
— *Improviso!* —

Gósto, é verdade, de amendoas,
e encommendo-as;
mas se queres fazer-m' anjo,
já não manjo.



EPIGRAMMA.



Sou Ministro responsavel,
nunca descubro a corôa,
e o que houver de condemnavel
cahe sobre a minha pessoa.

Se a opposição se azafama,
só respondo, e não me humilho:
papagaio come o milho,
piriquito leva a fama.



Parabola.

O SIMPLICIO A COLHER FRUCTAS.

« Apanha-me lá, Simplicio,
no pomar o que te apraza ;
tira-me deste supplicio,
deste calor que me abrasa.

Conto certo que me tragas
frescas, dulcissimas fructas.
Não tens de molhar as bragas,
pois não vais apanhar trutas. »

Simplicio acceita a empreitada,
acha *mangas* na mangueira,
maracujás na latada,
pitangas na pitangueira.

Mas o rapaz diligenté
quer prestar um bom serviço,
e, sem perguntar á gente,
vê fructas de maior viço.

Torce a cara, hombros encolhe
á vista de uma *laranja*;
arregala os olhos, colhe,
por ser graúda, a *turanja*.

A preta *jaboticaba*
não parece cousa boa :
Simplicio, que a menoscaba,
põe-se a colher a *zambôa*.

A nenhum guia acompanha,
e, na alameda remota,
para encher o cesto apanha
muita e muita *vergamota*.

Carregado o prestimoso
Simplicio, como um camelo,
diz que traz pomo mimoso,
mas eu não posso comel-o.

.
Se algum leitor se recreia
na parabola e se emenda,
em nenhum Simplicio creia,
para fazer-lhe encommenda.

Diz um rifão que não mente :
quem quer vai, quem não quer manda ;
por não se ir pessoalmente,
perde-se muita demanda.



Parabola.

OS PICAPÁOS.

Certo passaro não cança
 de dar bicadas no páo,
 conhece-o qualquer criança,
 e seu nome é *picapáo*.

No páo corrupto ha bichinhos,
 caruncho, bróca, e outros mais ;
 e os papos dos passarinhos
 se enchem desses animaes.

Se o picapáo move o bico,
 eu digo a quem me interpella,
 que convencido assás fico
 de exigencias da moela.

.
Nossos Governos é certo
terem muita podridão,
e as chagas quanto mais perto,
tanto mais ascosas são.

Porém alguns escriptores,
que sovão Ministros máos,
não passam de comedores
á guisa de *picapáos*.



EPIGRAMMA.

Esse nome que na pia
recebêras, ó Christão,
aspirando á fidalguia,
deixas por seres Barão.

Não é tudo! Esse appellido,
herdado de honrados pais,
mais não será conhecido,
visto que o não assignais.

No lar, no templo, na rua
este juizo alguém fez:
religião, familia tua
renegaste de uma vez.



Parabola.

A J A C A .

Ha muita fructa de estima,
 Laranja, pêra, mangaba,
 melancia, limão, lima,
 ananaz, jaboticaba.

Em questão de primazia,
 o sabôr é sobre tudo ;
 a fructa não se aprecia
 pelo volume bojudo.

Uma tal de arroba e meia,
 ou de mais, chamada *Jaca*,
 se achais que é boa, comei-a ;
 não vale meia pataca.

.
Nunca se julgue do merito
de um homem pela figura;
póde ter dotes de espirito,
e ser de baixa estatura.

Esse, de *curta* sciencia,
que com empregos se atraca,
em corpo e ambição é *maximo*;
se fôsse fructa, era jaca.



Liberdade sem limite.

«— Ousou prohibir o Bispo
leituras de impiedade!
Ai! Eu livre *Imprensa* dispo
a legal humanidade.

«— Prohibem (oh! que attentado!)
vender-se o que é venenoso!
Eu livre *Commercio* brado:
despojárão-me de um gôzo.

«— Polvora não se fabrique
no coração da cidade!
Pois então querem que eu fique
Industria sem liberdade?!



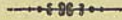
EPIGRAMMA.


«— Aquella voz retumbante
enchia o vasto salão!

«— Que tal o orador? «— chibante! . . .
loquaz? . . . materialão!



EPIGRAMMA.




 u consummado grammatico
 li as tuas poesias!
 Se as bem analyso, noto-lhes
 grammaticaes heresias!

Observo que no principio,
 ou meio ou fim da palavra
 accrescentas uma syllaba,
 que os ouvidos me escalavra.

Em vez de Marte, Deus bellico,
 até screveste Mavorte!
 Indisculpaveis equívocos
 serão sempre os desta sorte!



Epigramma.



Para encher mais de um volume
o poeta escreve as obras,
mas o tempo é que as resume,
cerceando-lhes as sobras.

Ha tres sublimes escriptos
de Virgilio Mantuano,
que nunca serão proscriptos,
decorra embora muito anno.

Quem suppõe e me assegura
que elle mais não fez na lyra,
de razão pouco segura
é parvoalho ou delira.



EPIGRAMMA.



« — Oh que excellente collegio
o desta minha vizinha !

Ahi steve a Theresinha
dez annos e mais um mez !

« — De tal mestra tal discipula !
Quanto a trabalhos de agulha
sei que a menina se orgulha,
heroína de entremez !

« — No seu bastidor admira-se
phantasia tão ousada !

Não vês a garça pousada
alli naquelle bambú ?

« — É verdade, vejo um passaro
bordado na talagarça,
mas se é garça, é tal a garça,
que me parece *urubú* !



EPIGRAMMA.



A porta do irmão *Sovina*
foi bater o *Desiderio*,
e ambos mostrarão criterio,
e esperteza superfina.

« — Já dormes, ou stás me ouvindo ?

« — Ainda estou acordado.

« — Pois empresta-me um cruzado.

« — Agora já stou dormindo.



A PIANISTA CANTORA.



A Joanhinha com excesso
 estudou canto e piano,
 e foi immenso o progresso,
 isto em pouco mais de um anno.

Verdade é que se lhe nota
 não ser firme no compasso,
 mas o facto não denota
 que o progresso seja escasso.

¿ Canta abaixo meio ponto
 com offensa da harmonia?
 Pois o devido desconto
 dou-lhe, e sempre lh'o daria.

¿ Na solfa encontra accidente,
 e não faz mudança alguma?
 É menina independente,
 não ha duvida nenhuma.

¿ Engolindo as desinencias,
não se sabe o que ella canta ?
Deixemos impertinencias,
é costume, não me espanta.

¿ O primo a fumar cigarro
sedas e sedas lhe rasga ?
Tem a Joanhinha pigarro,
ou com a fumaça engasga.

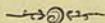
¿ Dizem que a voz é fanhosa ?
Assim é, mas não ha volta !
Joanhinha é tão engenhosa
que pelas ventas a solta.

Á vista de tantas prendas,
que não podem ser maiores,
excluil-a não pretendas
de entre as cantoras melhores.

E eu então que, com ser Padre,
ainda posso ser Monge,
quando a cousa me não quadre,
fugirei para bem longe.



EPIGRAMMA.



«— Poderá ser de algum prestimo
tendo esta alcunha este Conde?

«— Oução, que Sua Excellencia
aos maldizentes responde:

Não me julguem pelo titulo,
que se concede a capricho,
e ás vezes é feio homonymo
do mais asqueroso bicho. (*)

(*) Já houve Marquez de *Jacarépaguá*, e creio, salvo o erro, que ainda existe Barão da *Cotia*. Sobre este assumpto importante póde o leitor consultar o Almanak.

Epigramma.



« — Que tal musico era aquelle
que cantou na tua Festa ?

Achaste-o bom, ou não presta ?

Que juizo fazes delle ?

« — Abre a boca quando janta,
fecha a boca quando canta.



EPIGRAMMA.

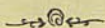


(São tres casos bem distinctos,
e um só delles verdadeiro.)

- 1.º Desceu o pio Eneas ao Averno
e de lá é que trouxe o ramo d'ouro.
- 2.º No sec'lo dezenove (tão moderno!)
a imprensa veio achar o nascedouro.
- 3.º No parlamento obteve uma cadeira
o escriptor que escrevinha tanta asneira.



Parabola.



OS LAGARTOS OU A ABSTENÇÃO.

Quando de casa me aparto
 no principio do verão,
 encontro muito lagarto,
 aqui e alli pelo chão.

Se, emquanto faz frio ou chove,
 nenhum lagarto se vê,
 ninguem o facto reprove,
 pois não ha razão por quê.

Que o triste inverno enregela,
 e vem produzir torpor,
 é verdade tão singela
 que não ha que se lhe oppôr.

Que foi sempre a primavera
a estação de se gozar
se todo o mundo o assevera,
eu não devo analysar.

.
Tem seus calôres e frios
os Governos das Nações,
dias limpos ou sombrios,
revezadas estações.

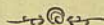
E entre nós ha muita gente
que só sabe apparecer
quando o frio se afugente,
e o sol nos venha aquecer.

Escondem-se apenas chove,
troveja e brilha o fusil,
temendo raios de Jove
Lagarthômens do Brasil.

O peor é que o strabismo
não lhes permite enxergar
que á ribanceira do abysmo
estamos quasi a chegar.



Epigramma.



Doven, que é do *bello sexo*,
 ao piano vai sentar-se,
 e no preludio sem nexo
 não cessa de atarantar-se.

Parece então joven macho
 a menina quando canta,
 de amôres ardendo em facho :
Oh Lilia teu gesto encanta!

Sem reflectir que é donzella
 nos costumes e figura,
 ingenuamente diz ella :
eu amei uma perjura!

Rapariga que o direito
 de homem varão macho ataca,
 traga commendas no peito,
 e vista farda ou casaca.



FOLHETIM

(Da Gazeta do Povo de Lisboa.)



Offerecemos hoje como fructa do tempo um notavel poemeto intitulado: — *Um carnaval no Rio de Janeiro.*

Seu auctor, padre José Joaquim Correia d'Almeida, já honrosamente conhecido no Brasil sua patria, por volumes de poesias variadas, em que muito sobresaem as do genero folgazão e mordente, é de sua pessoa um cavalheiro anavel, naturalmente benevolo, cortez para todos, bemvindo, e festejado nas melhores rodas litterarias.

O presente brinquedo poetico, segundo elle mesmo declara n'uma carta, escripta a um seu intimo, residente agora em Lisboa, só lhe foi inspirado pelo desejo de provar a mão no que se chama riqueza de rima.

A felicidade quasi incrivel com que se logrou do seu empenho só por poetas de larga experiencia poderá ser cabalmente avaliada. Nos 300 versos de que se compõe o poema não ha um cuja rima não seja rica e raros são aquelles em que de rica não passa a

opulenta, e *excessivamente* opulenta poderamos tambem dizer em muitos casos, se, o que em mais grave escripto seria descabido, e de certo condemnavel, se não tornasse n'este um requinte de graças e merecimento.

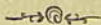
A esta façanha sem exemplo anterior em portuquez que nós saibamos, e que tarde será por outrem commettida, segundo nos parece, e nunca de certo desbancada, accede para admirações a estreiteza dos metros todos setisyllabos, o cruzamento sempre uniforme das consoantes sempre graves, o córte sempre invariavel do sentido de quatro em quatro versos, e, com tantos grilhões lançados pelo poeta a si mesmo, um ar de facilidade nos movimentos, uma graciosidade nos mencios do estylo, uma correccão de fórmãs, uma desaffecção e uma clareza taes, que difficuloso seria levar-lhe as lãmpas em boa prosa.

Pelo que toca ao assumpto, dado seja critica local brazileira, não é tamanha a discrepancia entre as coisas e costumes do imperio e de Portugal, que, salva uma ou outra allusão a algum individuo, allusão ainda assim transparente, a totalidade do painel nos não pareça desenhado e colorido entre nós e para nós.

O carnaval do Rio de Janeiro sahe hoje á luz pela primeira vez.

Se com esta nossa chocalhice a modestia do auctor se der por contrariada, já d'aqui lhe declaramos, pedindo-lhe alã perção, que infidelidades assim tanto nos não carregão na consciencia, que tomãramos nós se nos deparassem a miudo ensejos de recair.

O CARNAVAL.



Em tudo este mundo finge
 e ri da credulidade !
 Arquemos hoje co'a esphinge,
 extorquamos-lhe a verdade.

Deixemos, leitor, os ramos,
 os cartões e o bom confeito ;
 em boa paz discorramos
 em coisas de mais effeito.

Tolentino zombeteiro,
 auctor de phrases amenas,
 teve papel e tinteiro
 das benevolas camenas.

Se com tal favor não conto
 por me ser Apollo adverso,
 darás benigno desconto
 ás pobrezaas do meu verso.

Acho bom que nos postemos
n'esta esquina, a vêr quem passa.
Occasião hoje temos
de rir de tanta trapaça.

Que figuras exquisitas,
qual a qual com mais aceio!
Se temes, leitor, e hesitas,
é sem causa o teu receio.

Inoffensivo cortejo
ao folguedo se encaminha;
não temas, eu te protejo;
vem! dá-me o braço e caminha!

— Eia! o animo recobra!
De riso quasi arrebento!
Se é homem aquella cobra,
porque gritas por São Bento?

— Cuidas que a fragil bengala
te queiram fazer em cacos,
se conseguem empolgal-a
esses trefegos macacos?

Isto é pantomima ou farça.

— E se este, de verde-gaio,
se reveste e se disfarça,
nem por isso é papagaio.

Mas co'a falsa bicharia
nossa attenção não gastemos :
mais saborosa ucharia
para a critica hoje temos.

Essa corja se afugente
e fóra d'aqui se lance ;
só a beliscar em gente
nossa audacia se abalance.

— Aquelle que os outros guia,
e é figura que se nota,
com ares de fidalguia
faz o papel de janota.

Se hoje tem fina casaca,
e chapéo que as nuvens roça,
já transportou muita sacca,
por ser homem de carroça.

— Repara no magistrado,
paramentado de béca.
Musico em vez de letrado,
vive do arco e da rabeca.

— Vês o ancho brigadeiro,
com bordadura na gola?
Infame estalajadeiro,
gato por lebre degola.

Hoje garboso se ostenta,
brandindo luzente espada;
amanhã terá oitenta
ou mais freguezes da empada.

— Vês o nobre cavalleiro,
com seu habito da Rosa?
Vende lama de atoleiro,
por tinta de caparrosa.

— Vês alli o sacerdote
de negras roupas talares?
O bom disfarce é grão dote,
mas longe de nossos lares.

O devasso libertino
sob a mascara se occulta;
na crapula e desatino
é o horror da genta culta.

— Vês alli apavonada
a figura de um Visconde?
Estupidez e mais nada
sob a mascara se esconde.

— Vês aquelle missionario
que descobre a fronte lisa,
e qual mestre em seminario
nossas acções moralisa?

Denuncial-o á justiça
fôra bom, mas não assigno;
senão, contra mim se atia
o furor desse assassino.

— Repara n'essas maneiras
do mercador de alta escala,
que, por não dizer asneiras,
impassivel ouve e cala.

É taverneiro distincto,
e a profissão feliz, boa;
faz vinho que se diz tincto,
põe-lhe o letreiro—Lisboa—.

— Não ouves como conversa
gente de voz tão macia,
e a discussão toda versa
em reis e diplomacia?

Uns fallão pró, outros contra;
mas sezões me chova a lua,
se na sucia não se encontra
mais de um arráes de falúa.

— Não vês o aspecto sombrio
d'aquelle capitalista
que dos homens de mais brio
é o primeiro na lista?

Desmazelado caixeiro
é o tal senhor Francisco,
pois o balcão de máo cheiro
deixa coberto de cisco.

— Não vês aquelle adoptivo
professor de medicina,
que no olhar meditativo
mostra saber o que ensina?

Se te descubro o sujeito,
juro que a rir te escangalhas.
Não reconheces o geito
do atalhador de cangalhas?

— Não vês aquelle monarcha,
de manto, sceptro e corôa?
O pobretão não tem na arca
um vintem para borôa.

— Não vês o ancião que alveja,
encolhido e desdentado?
N'elle cumpre que se veja
um Conselheiro d'Estado!

A antithese certamente
não póde ser mais exacta:
é fresco, é joven, e ou mente
ou não ata, nem des ata

— Não vês lá o candidato
repartindo circulares?
Quanto elle seja cordato
é facil de calculares.

Criado de galão branco,
ou servente de ucharia,
se o carnaval achou franco,
a senatoria acharia.

— Que de heróes do tempo antigo
aquelle grupo arremeda!
Ahi tens, leitor, contigo
povo Assyrio, gente Méda.

— Caminha ao lado d'Isocrates
o longimano Artaxerxes.

— Aspasia, mestra de Socrates,
caminha ao lado de Xerxes.

— Como acolá se mistura,
como se tem confundido
na viva caricatura
a triste, mesquinha Dído!

Trahe o amoroso contracto
e, conforme se cré, usa
do proceder mais ingrato
o vitivo de Creúsa.

Não repillas, não enchotes,
meu leitor, o pio Enéas!
Repugna louvar Quixotes
rendidos a Duicinéas!

— Horacio empina um almude,
para animar estas scenas;
pede aos deuses não se mude
de entre os viventes Mecenas.

É philosopho o bregeiro,
e não ha quem o apoquente;
acha tudo lisongeiro,
com tanto que elle ande quente.

— Virgilio alli se complica
no reboição da rua;
a surdos e ao vento explica
o prestimo da charrua.

— Ovidio suave e bello,
carpindo suas desgraças,
recommenda ao seu libello
que evite o palacio e as praças.

Do Capitolio descêra,
todo assombrado de um raio;
porém o Nasão de cêra
ainda nos brada: Honrae-o!

Minha razão é tão romba,
 que, a despeito dos mentores,
 nisto acho exemplo de arromba
 a futuros escriptores.

— Cicero acolá por gesto (*)
 se explica, e o sobrolho enruga ;
 ora folheia o Digesto,
 ora coça na verruga.

Foi bem apanhado o absurdo
 (perdoem-me os palradores):
 representa um mudo-surdo
 o maior dos oradores !

— Mostra o cópo como emblema
 do alto officio Ganimédes.

— Risca e resolve um problema
 co' o pau no chão Archimedes.

— Aquella figura austera
 grave balança equilibra,
 cujo fiel não se altera
 por mais libra, menos libra.

(*) Em figura de carnaval é desculpavel o anachronismo,
 sobretudo havendo necessidade de rima.

Parodía o justiceiro
sabio Minos, rei de Creta ;
instincto de carniceiro
só leis de sangue decreta.

— Caro leitor complacente !
Nas noções que passo a dar-te
o meu estro se resente
da falta de engenho e d'arte.

Se acaso não tens noticia
dos habitantes do Olympo,
esta canalha ficticia
eu te vou tirar a limpo.

— Alli o velho Saturno
que devora e não mastiga,
nos recorda taciturno
a régia ambição antiga.

— Este é Jupiter potente,
sem correctivo, absoluto ;
ninguem o odio lhe tente,
se não quer em casa lucto.

Bem o conheço, e se o digo
não é para seu desdoiro ;
como póde este mendigo
transformar-se em chuva d'oiro ?!

— Aquelle, de arnez provido,
se bem não posso affirmar-te,
pelo menos tenho ouvido
ser o bellico deus Marte.

Porém desde que elle ha sido
lembrado para recruta,
não tem amadurecido
no meu quintal uma fructa.

Quando a guerra nos assola,
dou-te um bolo se o apanhares ;
aproveita-se da sóla,
e dá giz nos calcanhares.

— O que traz bigorna e torno,
e martella férreo cano,
da gambia pelo transtorno
mostra ser o deus Vulcano.

— Este que empunha o tridente
com movimento importuno,
que me caia mais um dente
se não é o deus Neptuno.

— Esta cara luzidia
menos mal finge a de Apollo,
que ministra luz e dia
á esphera de pólo a pólo.

— Aquelle que ri á toa
offerecendo tabaco,
e canta, mas não entoa,
bem mostra ser o deus Baccho.

— Proserpina, Juno e Astréa,
da maneira mais burlesca,
tambem fazem sua estréa
na scena carnavalesca.

— Armado de arco e de frechas
aquelle rapaz despido,
que em tantos peitos faz brechas,
é o magano do Cupido.

— Trazem naquella berlinda
fogosissimos cavallos
a personagem mais linda,
e ninguem ousa estorval-os.

A deidade se mascára
e grande illusão me géra ;
mas se lhe descubro a cara,
Venus torna-se Megéra.

— Alli vem uma donzella,
de Vesta sagrada ao culto ;
a sacra pyra que zela
não lhe iguala ao fogo occulto.

É outra realidade,
que não digo por decencia ;
conhece-a meia cidade ;
tem por alcunha : Innocencia.

— Entre sedas e velludo,
sobre macia almofada,
olha, leitor, não te illudo,
lá se recosta uma fada..

Mas não acredites nella ;
é nossa vizinha Olaia
Ou á porta ou na janella
ha muitas da mesma laia.

— Formando-se justa ideia,
que illação d'aqui se tira ?
Tanto deus e tanta déa,
tanto heróe, tudo mentira !

O carnaval nos retrata
o mundo em miniatura ;
a verdade é coisa ingrata,
por isso reina a impostura.

Perdão, gente galhofeira !
Melhor que estes meus resumos,
a proxima quarta-feira
diz : *Pulvis et umbra sumus.*



Rio de Janeiro, 1872. — Typ. Universal de LAEMMERT,
Rua dos Invalidos, 61 B.
